

## **AS MULHERES NEGRAS E O VIVER NA SOLIDÃO EM MEIO À MULTIDÃO**

Mulheres negras desde pequenas sofrem com o racismo estrutural que é uma prática que evidencia a reprodução, mesmo que inconsciente, de uma hierarquia entre as raças. Foi inspirado nesse debate que Silvio Almeida (2018), professor, advogado e filósofo paulistano, cunhou o termo racismo estrutural para apontar como o fenômeno é persistente, permanente e influente em nossa sociedade. Ele remonta à época das relações coloniais de expropriação e escravizações e mostra como nossos códigos e regras de navegação sociais ainda são plasmados pela violência e pelas tentativas de inferiorizar pessoas e grupos marcados com o status de outro, com os signos da diferença, por conta de alguns caracteres diferenciadores como: tom da pele, jeito do cabelo, modos de se vestir, jeito de se expressar, etc., enfim, todo e qualquer traço pode ser marcado como distintivo e utilizado como motivo para fazer valer as classificações hierárquicas e dominantes que impõem modos complexos e violentos de subordinações.

As crianças negras nas "brincadeiras" dos colegas *dentrofora* das escolas quase sempre são chamadas por apelidos pejorativos, geralmente dando-se maior ênfase aos cabelos crespos e aos traços negróides, como elementos que não se enquadram no padrão dominante de beleza. Os coleguinhas muitas vezes desprezam sua companhia para brincar ou fazer trabalhos na escola, dando preferência às meninas de tom de pele mais claras. Essas mulheres cresceram sendo tachadas como inferiores, se desenvolveram sob o pré-julgamento de que nunca são boas o suficiente,

e portanto, em algum momento vão fracassar. Elas se apresentam como o limite mais encarnado e visível do mito da meritocracia, apenas pela quantidade de melanina e tipagem de cabelos.

Quem não se lembra do relato que comoveu o mundo ao expor o caso de preconceito vivido por uma criança e sua mãe, em um parquinho da Espanha, no ano de 2018?

*Figura 1 - O vídeo que abriu ferida do racismo e chocou a Espanha*



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43663034>

Nenhuma outra criança queria brincar ou chegar perto do menino, que estava no local com sua mãe. Sempre que ele se aproximava das outras crianças, elas o empurravam ou falavam palavras duras, com o intuito de expulsá-lo de perto. Muitas chegaram a insinuar que aquele não era o local adequado que ele deveria estar por ser negro.

O impacto deste histórico de rejeição, infelizmente, é até pior para as mulheres negras. Para muitas, alcança proporções gravíssimas, como por exemplo, a baixa autoestima profissional ou intelectual. As mulheres negras crescem na solidão (Hooks, 2010), e são ensinadas desde muito cedo a não criar muitas expectativas, porque vivem num mundo cruel, e não podem se abrir, não podem demonstrar emoção. “Como o racismo e a

supremacia dos brancos não foram eliminados com a abolição da escravidão, os negros tiveram que manter certas barreiras emocionais. E, de uma maneira geral, muitos negros passaram a acreditar que a capacidade de se conter emoções era uma característica positiva” (Hooks, 2010, s/n).

A baixa autoestima tem ligação direta com a insegurança de habitar um mundo em que não podem se expressar, não podem florescer em seus afetos, através da partilha, comunhão e encontros. A desconfiança criada pela estrutura racista busca isolar as mulheres negras aos seus próprios corpos, dizendo que ela não pode se abrir completamente ao viver compartilhado. De um lado temos o isolamento e a solidão, e, do outro, a exaltação social do estereótipo das negras como corpos hiperssexualizados. Isso reverbera nas diversas redes sociais, nos diversos *‘espaçostempos’*, nos ambientes domésticos, acadêmicos, profissionais entre outros. Dando aula durante a pandemia, falando do isolamento físico por conta da pandemia, trabalhando com texto já citado, *Vivendo de Amor*, de Bell Hooks (2018), uma estudante perguntou: “quem pode se dar ao luxo de fazer isolamento em nosso país?”. Ela continuou: “Porque nem eu, nem minha família pudemos nos isolar”. Depois disso, ela fez uma lúcida distinção do que seria o isolamento social dos corpos negros nos cotidianos da cidade, e o isolamento físico que se impôs no processo pandêmico.

O sentimento de inadequação e insegurança gera a sensação de que você nunca é apta o suficiente para estar inserida no ambiente ao qual você se encontra, que conquistou e resistiu para estar. É difícil manter o tom quando muitos apontam que “você é um peixe fora d’água”, afinal “é sempre o outro que pertence mais àquele espaço”, “é sempre o outro que se expressa mais e melhor”. Isso traz uma insegurança que pode acarretar vários transtornos e pode dificultar muito as relações, os encontros, criando ansiedades, depressão entre outras doenças psíquicas. Afinal, a capacidade de amar está sendo diminuída, desvalorizada. A estrutura racista está sinalizando que a potência dos afetos das mulheres negras tem de ser vigiada, controlada, dominada. Mas “para conhecermos o amor, primeiro

precisamos aprender a responder as nossas necessidades emocionais. Isso pode significar um novo aprendizado, pois fomos condicionadas a achar que essas necessidades não eram importantes” (HOOKS, 2010, s/p).

Sentir-se inferior aos outros, conviver diariamente com a falta de confiança em suas próprias expressões, acreditar que suas falas, escritas acadêmicas, são inadequadas, faz parte do processo de dominação machista e racista. Por isso, o cuidado com a saúde integral é de suma importância, especialmente para as mulheres negras, pois estudos apontam que em nosso país a ocorrência de transtornos mentais é mais frequente neste grupo. Além disso, “o amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em nossas vidas, na garantia da nossa sobrevivência. Quando nos amamos, desejamos viver plenamente” (HOOKS, 2010, s/p). ***Amar como modo de re-existir e cuidar!***

### **Referências:**

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte, MG: Letramento, 2018.

HOOKS, Bell. **Vivendo de amor.** Portal Galédes, 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/> Acesso em: 25 abr. 2021.

### **Sobre o autores:**

**Elaine Sotero** é graduada em Pedagogia pela Universidade do Rio de Janeiro e mestranda em Educação pelo ProPEd/UERJ.

**Leonardo Rangel** é Mestre e Doutor em Educação. Professor de Sociologia do Instituto Federal da Bahia - IFBA.